

Estratégias didático-metodológicas para o “ensino” da leitura do texto literário

Sharlene Davantel Valarini (Doutoranda em Estudos Literários/UEM-PR)

Resumo: Nos dias de hoje, o ensino da literatura ainda se encontra pautado na reprodução de períodos literários, principalmente, em razão dos vestibulares e testes de admissão para universidades. No entanto, a preparação e a formação do leitor geram discussões entre pesquisadores da área da leitura: alguns apontam uma necessidade de divisão entre o ensino da língua e o da literatura, enquanto outros veem no espaço das aulas de Língua Portuguesa uma abertura para a formação do gosto literário. Este trabalho busca discutir percepções e estratégias de “ensino” para a leitura do texto literário no espaço da sala de aula. Tais estratégias objetivam fazer com que o aluno interaja com o texto literário e reconheça as possibilidades de reconhecimento do mundo.

Palavras-chave: Texto literário; Estratégias; Metodologias.

INTRODUÇÃO

Na escola atual, faz-se cada vez mais necessário um trabalho criativo com a leitura de textos literários ou não. Interpretar textos é uma exigência da sociedade e do mercado, ficando a cargo da escola a formação desse cidadão-leitor. Em relação aos textos literários, tal trabalho se faz mais urgente, devido a falta de espaço de tais textos no âmbito escolar ou a mera restrição do trabalho a perspectivas estruturalistas que pouco ou nada analisam da linguagem literária.

Os alunos estão chegando e saindo do Ensino Médio brasileiro com imensas dificuldades de leitura e interpretação de textos, o que fica mais evidente quando se vê que as aulas de Língua Portuguesa privilegiam o ensino da gramática e não o da leitura. A abordagem do texto literário em sala de aula, geralmente, dá-se somente com o modelo proposto pelo material de referência utilizado pela escola (livro didático ou material apostilado) e se restringe a análise de fragmentos de textos e a pretexto para o ensino da gramática ou de produção textual.

Diante desse panorama, este trabalho pretende discutir percepções e estratégias de “ensino” para a leitura do texto literário no espaço da sala de aula, reconhecendo que tais estratégias objetivam fazer com que o aluno interaja com o texto literário e reconheça as possibilidades de (re) conhecimento do mundo que tal texto lhe propõe. Para tanto, é importante discutir como a leitura e a literatura estão inseridas nas aulas de Língua Portuguesa; qual o tratamento dado à literatura no planejamento do professor; e quais estratégias são mais comuns no “ensino” da literatura.

CONCEPÇÕES DE LEITURA E LITERATURA

Muitos estudiosos apontam que o trabalho com a leitura ainda está centrado na decodificação da escrita e não no diálogo com o texto. É fato que o trabalho com a leitura que daí deriva constitui-se de cópia literal de expressões do texto, leitura em voz alta, respostas a questionários de interpretação, extração dos significados das palavras, ordenação de fatos e ideias, dentre outros modelos comuns de atividades.

Para Kleiman (2004), no âmbito escolar, ou o texto é visto como depósito de mensagens ou é visto como um conjunto de elementos gramaticais. Dificilmente, a leitura é diferente de acordo com o gênero textual que está sendo trabalhado. As especificidades de cada gênero, em especial o gênero literário, muitas vezes, são colocadas de lado, mediante perguntas e respostas utilitaristas que seguem modelos pré-estabelecidos.

Quanto ao texto literário, este tem uma linguagem específica, a conotativa. Em relação à linguagem literária, percebe-se que, devido ao pequeno trabalho com ela, os adolescentes e jovens apresentam muitas dificuldades na compreensão. Esse fato simplesmente reflete a falta de conhecimento das especificidades do texto literário e deixa evidente a abordagem tradicional e autoritária da Literatura e da leitura literária. Muitos estudantes reconhecem a importância da leitura e dizem que gostam de ler, no entanto, os trabalhos realizados pela escola frente aos livros literários os afastam dos livros. Diante dos fatos, fica evidente que não há interação entre o aluno e o texto literário. Tal interação demonstra-se comprometida, principalmente, pelo fato de o aluno não compreender o caráter artístico da literatura e o seu vocabulário, ficando a deriva da leitura do professor.

A falta de familiaridade por parte dos alunos e de muitos professores com o texto literário está pautada na falta de reflexão sobre a natureza da literatura, seu caráter ficcional, poético e artístico. O ensino de Literatura merece ser repensado, tanto em seu viés histórico quanto ideológico, e desvinculado de práticas pedagógicas que apresentem receitas e modelos que não levam em consideração o caráter específico da linguagem que está sendo trabalhada.

A Literatura, apesar do tratamento escolarizado dado a ela, precisa ser vista como fenômeno artístico, carregada de valores, crenças, ideias e pontos de vista de seus autores, que buscam enriquecer as experiências dos leitores que os leem. O ensino da literatura precisa ser prazeroso e dedicado à formação humana do aluno, através da percepção da

função poética da linguagem, que recria e retrata problemas humanos universais em um trabalho que esteticamente transgride o nosso cotidiano.

Segundo Candido (1995: 249), a humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995: 249).

Kleiman (2004b) discute que o ensino de leitura pode ser viável se não privilegiar uma única leitura autorizada. Destacando-se como uma proposta coerente, temos o ensino de estratégias de leitura e o desenvolvimento de habilidades linguísticas, características de um bom leitor. Desse modo, partindo de um modelo de leitor, o professor modelaria e exercitaria no aluno estratégias de leitura, com o intuito de desenvolver as competências leitoras nesse indivíduo.

Seguindo essa perspectiva, é importante que, em uma aula de leitura, o professor faça levantamentos sobre o texto a ser trabalhado a partir de conhecimentos prévios do seu público, destacando para seus alunos que eles precisarão utilizar estratégias diferentes para a leitura e a compreensão de textos literários.

A seguir, destacamos algumas estratégias e modos de se trabalhar o texto literário em sala de aula. A reunião de algumas estratégias didático-metodológicas nesse artigo não exclui a prática de outras tanto o quanto viáveis.

ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS

Há algumas estratégias e metodologias que podem fazer com que os alunos se sintam confortáveis com a leitura do texto literário e desenvolvam, a partir de leituras feitas na escola, o gosto pelo literário e o potencial crítico e reflexivo necessários para o desenvolvimento do gosto e do refinamento estético.

Acima de toda e qualquer estratégia está o gosto leitor do professor. O professor, enquanto leitor, precisa ser assíduo a este hábito e precisa conhecer um vasto repertório de autores e textos que sirvam para a faixa etária com a qual trabalha. Infelizmente, esta não é

uma realidade nas escolas brasileiras. Muitas pesquisas apontam que, no trabalho realizado em sala de aula, as concepções de transmissão e repetição de conteúdos ainda são o centro de todo o trabalho. Além disso, muitos professores demonstram pouco conhecimento da produção literária para crianças e jovens e, portanto, não utilizam esses materiais de leitura em seu cotidiano. Para Aguiar e Bordini (1993: 34), “o esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase”.

Segundo Geraldi (2004), o sucesso da leitura teria como primeiro passo trazer para a escola o prazer de ler e o respeito aos conhecimentos e leituras anteriores do aluno. É importante que se reconheça que nenhum leitor inicia o seu percurso a partir dos clássicos, o que significa que os professores devem instigar seus alunos a fazerem o maior número de leituras possíveis, mesmo que eles ainda não correspondam a todas as expectativas do professor.

Silva (2003: 103) afirma que,

o ensino de leitura sempre pressupõe três fatores: as finalidades, os conteúdos (textos) e as pessoas envolvidas no processo, ou seja, as características dos alunos e da turma a ser trabalhada. Sem a presença desses três fatores, o trabalho com a leitura / literatura corre o risco de se tornar vazio ou um “receituário” em que se repetem esquemas já prontos.

Desse modo, o trabalho com o texto literário passa pela constituição histórica da Literatura, suas obras e composições, e as figuras do professor e do aluno. Para tanto, é preciso que o ensino coloque tanto o aluno quanto o professor em contato com os textos literários, de modo que eles possam refletir e recriar a linguagem literária, facilitando a formação de novos horizontes.

Sabemos da realidade educacional brasileira e também das dificuldades que o professor encontra para diversificar suas aulas, no entanto, para amenizar este problema, a formação continuada e a constante atualização ainda são as principais armas dos professores. Outra questão relevante é que a maioria dos alunos de escolas públicas não possuem condições materiais de adquirir livros variados, ficando restritos às opções existentes nas bibliotecas escolares, que nem sempre estão atualizadas, em bom estado ou disponíveis.

A partir de tudo isso, selecionamos algumas ideias coerentes e de bons resultados no ambiente escolar. Essas ideias consistem em algumas estratégias que partem, essencialmente, da produção de uma sequência didática ou planejamento didático por parte do professor.

Rildo Cosson, em *Letramento literário: teoria e prática*, de 2006, apresenta a professores dois modelos de sequências: uma básica (para o Ensino Fundamental) e uma expandida (para o Ensino Médio). Além das duas sequências, o autor fundamenta sua pesquisa em três técnicas: a técnica da oficina, a técnica do andaime e a técnica do *portfólio*. A primeira direcionada para o modo e lugar como os textos serão apresentados; a segunda para a troca de conhecimentos entre professor e aluno; e a terceira para o registro das observações e atividades. As três técnicas apresentam-se válidas para a interação entre aluno - texto literário – professor, pois possibilitam o diálogo e a troca de experiências entre os envolvidos.

A sequência básica compreende quatro etapas: 1) Motivação (preparação do aluno para a leitura do texto literário); 2) Introdução (apresentação do autor e da obra); 3) Leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e do professor); 4) Interpretação (construção coletiva, por parte de alunos e professores, do sentido do texto).

A etapa da interpretação é vista como resultado das etapas anteriores e, para Cosson (2006: 65),

na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

A sequência expandida tem as mesmas etapas da sequência básica. No entanto, na expandida há dois momentos de interpretação. O primeiro é a compreensão global dos textos, incluindo alguns aspectos formais e o segundo é o aprofundamento de um dos aspectos do texto que seja necessário para os propósitos do professor.

Na fase de expansão da sequência, Cosson (2006) enfatiza a importância de se destacar os processos de intertextualidade, explorando os diálogos possíveis com outras obras, tanto as que a precedem quanto as que lhe são posteriores.

Também temos o Método Receptional, desenvolvido por Aguiar e Bordini (1993), e descrito no livro *Literatura: formação do leitor: alternativas metodológicas*. Este método encontra-se baseado na Estética da Recepção, de Jauss (1994) e exige que, por um lado, o professor esteja preparado para selecionar textos referentes à realidade do aluno e, ao mesmo tempo, romper com ela; e, por outro, aponta para a importância do desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a literatura e seus fatores estruturais.

São cinco as etapas de desenvolvimento do Método Receptional: 1) Determinação do horizonte de expectativa; 2) Atendimento ao horizonte de expectativa; 3) Ruptura do horizonte de expectativa; 4) Questionamento do horizonte de expectativa; 5) Ampliação do horizonte de expectativa. Na última fase do processo, os alunos tomam consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. O final dessa etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui, sempre permitindo aos alunos uma relação mais consciente com a literatura e com a vida.

Outra proposta também fundamentada na Estética da Recepção, de Jauss (1994), é a encontrada no livro *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*, de Juracy Assman Saraiva e Ernani Mügge (2006). Essa metodologia foi desenvolvida com base no relato e na capacitação de alunos e professores e, segundo seus autores, foi legitimada pelo público formador e leitor, antes de ser definitivamente esquematizada.

Sua sequência não é muito diferente das duas anteriormente descritas e consiste em: 1) Leitura compreensiva (leitura inicial do texto e análise de sua expressão e de seu conteúdo); 2) Leitura interpretativa (confronto das leituras e impressões da primeira etapa; momento em que se sobrepõe a leitura do texto e a experiência do leitor); 3) Etapa de aplicação (extrapolação do significado do texto literário, relacionando-o com outros textos, outras épocas e outras condições sociais).

Segundo os autores (2006: 50), na primeira etapa, o leitor deverá estar apto para responder “Como o texto diz aquilo que diz?”; na segunda etapa, “Qual o sentido do texto?”; e, na terceira etapa, “Que diálogo há entre o texto e o contexto estético-histórico-cultural atual e o momento da produção?”.

As três estratégias didático-metodológicas apresentadas nesse artigo são apenas exemplos de estratégias que podem ser seguidas por professores, de acordo com a realidade de seu público-alvo. Todas elas partem do mesmo ponto de vista: a recepção do leitor, o

modo como esse leitor pode ser levado a pensar crítica e criativamente sobre o mundo a sua volta.

Cosson (2006), Saraiva e Mügge (2006) e Aguiar e Bordini (1993) não partiram do nada para o desenvolvimento de suas metodologias, mas de outros teóricos, filósofos e pesquisadores que, por falta de espaço, não foram contemplados nesse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com textos literários em sala de aula não deve acontecer de forma aleatória, sem objetivos definidos, e centrado somente na figura do professor. Existem alternativas para a leitura prazerosa do texto literário em sala de aula. Basta professores e alunos estarem dispostos a buscá-las.

Mesmo com a falta de recursos nas escolas brasileiras, o professor tem o dever de colocar o seu aluno em contato com as diversas formas de comunicação ou gêneros que circulam em nossa sociedade. O texto literário é somente uma dessas formas. Infelizmente, é uma das formas relegadas a um segundo plano.

A Literatura prevê a liberdade do homem e o seu poder de criação criativa. Dar ao nosso aluno a possibilidade de trabalhar com essa forma de expressão artística é abrir os olhos para o mundo a nossa volta e valorizar o conhecimento de mundo de nosso aluno, que não vem à escola como uma página em branco, mas com uma história, um modo de vida, um sentido pré-concebido para suas experiências. Fazer com que esse aluno respeite as suas formas de pensar é um dos passos para que ele desenvolva estratégias próprias de compreensão da leitura e da literatura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

GERALDI, Wanderley João (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, Ângela B. *Leitura: Ensino e pesquisa*. São Paulo: Pontes, 2004.

———. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. São Paulo: Pontes, 2004b.

SARAIVA, Juracy Assman; MÜGGE, Ernani; et al. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. São Paulo: Papyrus, 2003.